



Histórias que Encantam: Leitura Literária na Primeira Infância

Stories that Enchant: Literary Reading in Early Childhood

Bárbara Maira Moreira Romualdo

Gleice Samara Alves da Silva

Resumo: Neste estudo, aborda-se a importância da leitura literária mediada para bebês e crianças pequenas, destacando seu papel essencial no desenvolvimento integral, como intelectual, linguístico, afetivo e social. O estudo foi embasado em autores como Vygotsky, Yolanda Reyes, Cecília Bajour, Gianni Rodari e Paulo Freire, o estudo justifica que a leitura na primeira infância é uma atividade de leitura de histórias e uma prática de escuta sensível, vínculo afetivo e estímulo à imaginação. A pesquisa, de caráter qualitativo e bibliográfico, evidencia que a interação mediada pelo adulto, mesmo antes da criança dominar a linguagem verbal, favorece a construção de sentidos, amplia o vocabulário e fortalece a capacidade simbólica e criativa. Além disso, ressalta que a prática da leitura literária deve estar presente tanto no ambiente familiar quanto na educação infantil, de acordo com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Conclui-se que ler para bebês e crianças pequenas é uma prática pedagógica e ética que reconhece a criança como sujeito de linguagem e cultura, capaz de imaginar, sentir e reinventar o mundo desde cedo.

Palavras-chave: leitura literária; mediação leitora; primeira infância; desenvolvimento infantil; imaginação.

Abstract: This study addresses the importance of mediated literary reading for infants and young children, highlighting its essential role in holistic development—intellectual, linguistic, emotional, and social. Grounded in the works of authors such as Vygotsky, Yolanda Reyes, Cecilia Bajour, Gianni Rodari, and Paulo Freire, the article argues that reading in early childhood is both a storytelling activity and a practice of sensitive listening, emotional bonding, and stimulation of the imagination. This qualitative, bibliographic research demonstrates that adult-mediated interaction, even before children master verbal language, fosters meaning-making, expands vocabulary, and strengthens symbolic and creative capacity. Moreover, it emphasizes that literary reading should occur both in the family environment and in early childhood education, in accordance with the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base (BNCC). The study concludes that reading to infants and young children is both a pedagogical and ethical practice that recognizes the child as a subject of language and culture, capable of imagining, feeling, and reinventing the world from an early age.

Keywords: literary reading; reading mediation; early childhood; child development; imagination.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento pleno ocorre na primeira infância, sendo uma fase essencial para aprimorar a linguagem, o intelecto e os vínculos afetivos. Nessa faixa etária, o cérebro infantil apresenta alta plasticidade, sendo profundamente

influenciado pelas interações sociais e pelos estímulos recebidos no ambiente em que a criança está inserida.

A neurociência e as teorias do desenvolvimento consideram a primeira infância uma fase fundamental para o desenvolvimento pleno das potencialidades infantis e que as práticas de leitura apresentam desafios significativos, como a ausência de rotinas organizadas da leitura mediada, a falta de livros apropriados tanto no âmbito familiar como no educacional.

De acordo com Vygotsky (2001), o desenvolvimento da linguagem está relacionado com as interações sociais e o meio cultural, considerando a linguagem como um instrumento de comunicação, pensamento e construção de significado. Neste contexto, as crianças adquirem experiências sensoriais, artísticas e literárias através de estímulos diversificados oferecidos nos ambientes em que estão inseridas, com afetividade e criação de oportunidades para que expressem e explorem suas ideias e pensamentos. A estruturação de espaços voltados para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e linguagem contribui para o enriquecimento do repertório linguístico das crianças e amplia sua imaginação e criatividade.

Os primeiros anos de vida constituem uma etapa decisiva no desenvolvimento global da criança. Na infância, as experiências de linguagem têm um papel essencial na construção de significados, na formação dos vínculos afetivos e no desenvolvimento das capacidades cognitivas e socioemocionais (Reyes, 2010). A leitura literária mediada por adultos, mesmo antes da aquisição da linguagem verbal pela criança, surge como uma prática fundamental, propícia a iniciar um espaço de escuta, imaginação e partilha simbólica desde os primeiros meses de vida (Reyes, 2012; Bajour, 2012).

Conforme Yolanda Reyes (2010, p. 33), “a criança é um leitor poético, ou mais exatamente, um ouvitor poético desde o começo de vida, e que seu encontro primordial com a literatura pela poesia se baseia no ritmo, na sonoridade e na conotação”, o bebê se encanta pela linguagem através da voz do adulto leitor, por intermédio da leitura ele constrói vínculos afetivos, recebendo gestos, olhares e emoções, são esses momentos que ficam guardados na memória dos bebês e de crianças pequenas.

A respeito da escuta, Cecília Bajour (2012, p. 44) complementa ao afirmar que “é estendida não só ao que é expresso por palavras, mas também aos signos transmitidos por gestos eloquentes”, e destaca que a leitura é um ato de ensinar, mais do que isso, um momento prazeroso entre adultos e bebês, que, através da interação entre eles, constroem juntos os significados da história.

O hábito de ler para os bebês, ainda que simples, é essencial para a formação de habilidades cognitivas, socioemocionais e linguísticas. A literatura destinada a bebês e crianças pequenas simboliza uma base de conhecimento e favorece a construção de vínculos afetivos sólidos entre a criança e os adultos que a cercam, sejam pais, professores ou demais cuidadores. Além disso, a leitura nessa fase inicial da vida configura-se como uma ferramenta potente no processo de aprendizagem, uma vez que amplia o vocabulário, estimula a criatividade, a imaginação e promove o desenvolvimento da oralidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) também reconhece a importância das experiências de leitura na educação infantil como um alicerce do desenvolvimento integral, contribuindo para a formação de leitores. Um dos objetivos relacionados à leitura está no campo “Escuta, fala, pensamento e imaginação”.

No mesmo sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998, p. 113) destaca que “a leitura deve ser apresentada como fonte de prazer, de descoberta, de construção de sentidos e de ampliação do mundo”, portanto reafirmando a importância de respeitar os direitos das crianças em vivenciarem a leitura de forma prazerosa e afetiva, por meio da mediação sensível e intencional do adulto.

Diante desse contexto, formula-se o seguinte problema de pesquisa: Como a mediação literária na primeira infância pode potencializar o desenvolvimento integral das crianças, considerando as dimensões cognitivas, linguísticas e socioafetivas?

A partir do ponto de vista da problemática, o objeto de pesquisa deste estudo consiste na mediação da leitura literária com bebês e crianças pequenas, buscando compreender suas contribuições para o desenvolvimento infantil. A pesquisa destaca a importância de que os professores possam compreender que a leitura mediada fortalece práticas pedagógicas que valorizam a leitura desde os primeiros anos, favorecendo a construção de vínculos.

METODOLOGIA

Neste estudo, buscou-se compreender, a partir de uma abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, que visa compreender e refletir criticamente sobre as contribuições da mediação da leitura literária no desenvolvimento integral de bebês e crianças pequenas. Segundo Severino (2014), a pesquisa bibliográfica caracteriza-se pela análise cuidadosa do material já publicado, possibilitando o aprofundamento teórico e a construção de novos sentidos a partir da interlocução com diferentes autores.

Minayo (2014, p. 57) aponta que o método qualitativo se entende pelo “estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”, valorizando a complexidade e a diversidade da essência humana. Assim, ao investigar as práticas de mediação da leitura, busca-se compreender as múltiplas dimensões cognitivas, linguísticas e socioafetivas envolvidas nesse processo durante a primeira infância.

O material bibliográfico utilizado neste estudo compreende obras de autores reconhecidos nas áreas do desenvolvimento infantil, da linguagem e da literatura na educação infantil. Foram selecionados, especificamente, os livros *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*; *Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação*, de Yolanda Reyes; *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*, de Cecília Bajour; e *Gramática da Fantasia*, de Gianni Rodari. A escolha desses títulos se justifica por suas contribuições teóricas significativas para

a compreensão dos processos de aprendizagem da linguagem, da imaginação, da simbolização e do desenvolvimento cognitivo e afetivo na infância. Também se considera, neste estudo, o pensamento de autores como Vygotsky (2001), cuja abordagem histórico-cultural fundamenta a concepção de linguagem como construção social e mediada.

As obras foram utilizadas como fontes teóricas e referenciais analíticos para problematizar os dados e aprofundar as discussões ao longo deste estudo. A abordagem crítica e poética desses autores permite refletir sobre a análise do papel da leitura literária na formação da linguagem, da imaginação e da sensibilidade, bem como compreender como a escuta, a fantasia e a brincadeira constituem elementos centrais no processo da construção do letramento na infância.

Para a organização e sistematização do material coletado, como destaca Severino (2014, p. 94), “trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações”. O autor defende a problematização dos referenciais teóricos como caminho para a construção de uma análise crítica e dialógica, permitindo a conexão entre teoria e prática. Nesse sentido, a leitura dos textos não se restringiu à mera descrição dos conteúdos, mas buscou identificar e discutir as contribuições que dialogam diretamente com a problemática da pesquisa.

A análise dos dados teóricos foi conduzida segundo a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977), a qual permite, a partir de um conjunto de procedimentos sistemáticos e objetivos, a categorização dos temas e conceitos recorrentes nos materiais analisados. A análise de conteúdo é compreendida como uma técnica metodológica que permite ir além da descrição superficial das mensagens, possibilitando a interpretação dos sentidos nelas contidos.

Segundo Bardin (1977, p. 38), “análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. Essa definição resume o objetivo central desse método, que consiste em empregar procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar o conteúdo das mensagens, identificando indicadores que possibilitem compreender os contextos em que essas mensagens foram produzidas e/ou recebidas, sejam esses indicadores de natureza quantitativa ou qualitativa.

As categorias emergentes da análise foram organizadas de modo a evidenciar as relações entre mediação literária e desenvolvimento infantil, permitindo compreender como práticas de leitura mediada impactam positivamente as competências linguísticas, cognitivas e socioafetivas das crianças pequenas, em consonância com o que preconiza a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) e os estudos neurocientíficos contemporâneos.

Nesse mesmo sentido, Vygotsky (2001) argumenta que o desenvolvimento da linguagem ocorre em profunda interação com o meio social e cultural, sendo a mediação de adultos fundamental para a internalização dos signos linguísticos e culturais.

Dessa forma, a metodologia adotada neste estudo permitiu aprofundar o conhecimento sobre as potencialidades da mediação da leitura literária na primeira infância, a partir de um olhar teórico-reflexivo, fundamentado em autores conceituados, respeitando os princípios da pesquisa científica em educação.

O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Pensando em leitura na primeira infância, é comum que apareçam algumas dúvidas, já que as crianças pequenas ainda não sabem ler, os bebês não falam, e muitas vezes imaginamos que eles não estão prestando atenção a uma história lida ou contada. Segundo Yolanda Reyes (2010), o início da vida do bebê, como a entrada em uma “casa imaginária”, refere-se às diversas formas de expressão, que vão sendo edificadas gradualmente pelas experiências afetivas e comunicativas.

Vivemos em um mundo letrado e, desde o nascimento, as crianças já estão em contato com a linguagem. Mesmo sem decodificar letras ou palavras, elas leem o mundo à sua volta por meio de sons, expressões, gestos e entonações. Segundo López (2016), essa leitura acontece em um sentido mais amplo: como o ato de dar sentido ao mundo e a tudo o que o constitui, influenciado pela cultura.

[...] Na verdade, todas as crianças leem desde o exato momento em que chegam ao mundo, leituras “emancipatórias”, poderíamos dizer, uma imersão na língua materna que permite começar a construir sentidos aos infinitos estímulos que as rodeiam e ninam nos feitos da cultura e da vida biológica. [...] (Lopez, 2016, p. 18).

Nesse sentido, reforça a ideia de que a criança começa a leitura antes da alfabetização; ela lê o mundo de diversas formas e sentidos, através do ambiente cultural e amoroso em que está inserida.

Yolanda Reyes (2010) destaca que a importância da leitura começa ainda no ventre materno, quando o bebê recebe estímulos por meio dos sons. Para a autora, a leitura para bebês, mesmo durante a gestação, os estimula a se tornarem ouvintes atentos desde cedo, o que contribui significativamente para o desenvolvimento da linguagem oral. Pesquisas indicam que, por volta das vinte semanas de gestação, o feto já é capaz de processar sons, escutar a voz da mãe e diferenciá-la das demais vozes ao redor.

O bebê reconhece a voz materna desde o nascimento e é capaz de distinguir sua voz desde o útero. Por esse motivo, ao nascer, ele mantém uma comunicação com a mãe através do olhar, do toque e dos sons emitidos. A mãe consegue interpretar os sinais do bebê, construindo vínculos afetivos.

Nesse contexto, ouvir histórias contadas pelas pessoas com quem as crianças possuem vínculos é importante. Essa prática contribui para a formação do hábito pela leitura, do desenvolvimento da linguagem, da compreensão das emoções e para ampliar a visão de mundo.

A linguagem, portanto, é inaugurada no corpo e no afeto, num movimento de acolhimento que antecede a compreensão verbal.

[...] A literatura, esse texto a tantas vozes que abriga, expressa e recolhe nossa sede de encantamento, reúne os rastros da ancestral fascinação pelo poder das palavras deixadas pelos que vieram antes e também por nós, como em relevo, para os recém-chegados [...] (Reyes, 2010, p. 25).

Como destaca Reyes (2010), a literatura é uma preciosidade que foi construída por várias vozes, que abriga memórias e, através de livros e história, as crianças descobrem a linguagem, a imaginação e a cultura.

Vygotsky (1994) também contribui para a compreensão ao explicar que o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças compreendem a vida intelectual daquelas que as cercam e o desenvolvimento da linguagem emerge na interação com o outro. O autor destaca que “um fato empiricamente estabelecido e bem conhecido é que o aprendizado deve ser combinado de alguma maneira com o nível de desenvolvimento da criança” (Vygotsky, 1994, p. 111), enfatizando que o ensino eficaz é aquele que se insere na Zona de Desenvolvimento Proximal, espaço de potencialidades que se ativa por meio da mediação de adultos ou de pares mais experientes. Assim, ao serem lidas e acolhidas, as crianças participam desse processo interpessoal fundamental para a constituição do pensamento e da linguagem, destacando o papel da interação social como condição indispensável para o desenvolvimento cognitivo e linguístico.

Paulo Freire (1996), ao refletir sobre o papel do educador, destaca que o ato de ensinar exige um compromisso ético-afetivo, que o ato de ensinar exige do educador valorizar os saberes dos educandos, partindo de suas experiências e visões do ambiente em que está inserido. Legitimando que o ato de ler para bebês é um gesto profundamente pedagógico, em que o amor, a escuta e o diálogo constroem as bases do desenvolvimento infantil. Assim, “respeitar a leitura de mundo do educando significa tomá-la como ponto de partida para a compreensão do papel da curiosidade, de modo geral, e da humana, de modo especial, como um dos impulsos fundantes da produção do conhecimento”. [...] (Freire, 1996, p. 63).

Freire considera como ponto de partida a leitura do mundo do educando, destacando a valorização da curiosidade humana, revelando-se fundamental para que o processo educativo seja significativo e transformador. Nesse sentido, o ato de ensinar não se limita à transmissão de conteúdos prontos, mas envolve a escuta atenta, o acolhimento das perguntas e o estímulo à reflexão crítica. Assim, a curiosidade da criança impulsiona o conhecimento, a autonomia, permitindo que ela compreenda, questione e ressignifique o mundo à sua volta.

Compreender a formação leitora na primeira infância vai além de ser apenas domínio técnico da leitura. Esse processo envolve experiências afetivas, escuta sensível e mediação cultural, elementos que favorecem o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da subjetividade.

Nesse sentido, Reyes (2010) justifica que a casa imaginária é um ambiente para a construção de vínculos, identidade e subjetividade e não apenas um espaço da palavra escrita. A representação simbólica é fundamental para o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância, pois é nesse processo que elas desenvolvem sua relação com o mundo, os outros e consigo mesmas.

A INFLUÊNCIA DA LEITURA LITERÁRIA NO BRINCAR, IMAGINAR E APRENDER

Na primeira infância, a leitura literária é definida como uma ferramenta potente na experiência estética, afetiva e cognitiva. A literatura infantil excede a função narrativa, ao unir a palavra, ritmo, musicalidade, jogos sonoros, fantasia, imagem e torna um espaço de descobertas afetivas que envolvem o corpo, emoções e pensamentos. Yolanda Reyes (2012) e Gianni Rodari (1992) aprofundam o papel do brincar e da fantasia na formação leitora das crianças na primeira infância.

Através da leitura em voz alta para bebês, cria-se um jogo de sons marcado pelo ritmo e entonação, que possui um valor próprio, mesmo que o significado não seja compreendido. Assim sendo, o bebê, mesmo sem entender, se envolve com a musicalidade da leitura, vivenciando uma experiência estética que será aprofundada com o desenvolvimento da linguagem.

Nesse sentido, Reyes (2010, p. 34) destaca que “a criança é um leitor poético ou, mais exatamente, um ouvitor poético desde o começo da vida, e que seu encontro primordial com a literatura pela poesia se baseia no ritmo, na sonoridade e na conotação”, evidenciando como essa relação sensível e poética com a linguagem é fundamental para o desenvolvimento pleno da criança.

Gianni Rodari (1992) complementa essa perspectiva ao afirmar que a fantasia é essencial ao pensamento criativo, a imaginação exerce um papel central no desenvolvimento humano, não sendo uma habilidade isolada, mas o próprio movimento da mente em constante interação com o mundo.

[...] Está intrinsecamente ligado ao fato de que a imaginação não é uma faculdade qualquer, separada da mente: é a própria mente, na sua interação, a qual, solicitada por uma atividade mais que por outra, serve-se sempre dos mesmos procedimentos. E a mente nasce na luta e não na paz [...] (Rodari, 1992, p. 20).

Essa afirmação demonstra que o pensamento criativo se manifesta especialmente nas situações de desafio, e nessas situações que a mente se motiva para criar, solucionar e dar sentido à experiência. A capacidade criativa no contexto da infância é despertada através das brincadeiras simbólicas, narrativas e descobertas, mostrando que o desenvolvimento cognitivo, intelectual e emocional das crianças é uma resposta ao ambiente e às relações que provocam sua curiosidade, seu desejo de vivenciar e explorar o mundo.

Nesse sentido, a leitura literária se destaca como um espaço de investigação simbólica, em que as crianças podem explorar possibilidades, ampliar seus horizontes e elaborar sentidos sobre si e o mundo. Ao escutar histórias, imaginar cenários, personagens e desfechos, elas exercitam não apenas a fantasia, mas também competências cognitivas e afetivas fundamentais para a construção do pensamento crítico e criativo. Assim, a leitura compartilhada se configura como uma prática pedagógica potente, capaz de formar sujeitos curiosos e capazes de imaginar alternativas diante dos desafios da vida cotidiana.

Desse modo, Reyes afirma que o mundo da linguagem é essencial, pois é por meio dele que atribuímos sentidos e nos expressamos. Trata-se de um mundo simbólico no qual as crianças percorrem entre o real e o imaginário, vivenciando experiências que ampliam sua percepção de mundo. Nesta perspectiva, a literatura promove encontros significativos com a linguagem e as diferentes formas de sentir e ver a realidade. Ao citar Lajolo, Reyes (2012, p. 9) reforça esse contexto de que a “literatura é essa ferramenta: literatura não se faz com boas intenções, não tem compromissos com modismos, não é para dar lições de vida, e muito menos para reforçar conteúdos escolares. Literatura é linguagem. [...]”.

Desse modo, entende-se que a literatura deve ser mais do que um instrumento pedagógico, e sim uma maneira de se expressar de maneira criativa, possibilitando reflexão, contribuindo para o caráter estético e simbólico, promovendo que a criança amplie seu repertório cultural e subjetivo.

Conforme argumenta Vygotsky (2001), ao analisar o papel da brincadeira no desenvolvimento infantil, o faz-de-conta permite que a criança atue além de seu nível habitual de funcionamento. Nessa perspectiva, a brincadeira assume um papel central, pois possibilita à criança expressar habilidades ainda em processo de formação, situando-se em uma zona de desenvolvimento proximal, onde antecipa formas mais complexas de pensamento e ação.

De modo semelhante, a leitura literária, quando mediada de forma lúdica e afetiva, constitui uma atividade potente para o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Ao adentrar o universo simbólico da literatura, a criança é convidada a experimentar novas linguagens, emoções e compreensões do mundo, ampliando suas possibilidades de expressão e de construção de sentidos.

A concepção dialoga diretamente com a pedagogia freireana da curiosidade e da invenção, em que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 13). A leitura mediada, portanto, é uma prática estética e crítica que reconhece a criança como sujeito ativo de sua aprendizagem.

LEITURA MEDIADA NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Cecilia Bajour (2012) aprofunda a concepção de mediação leitora como um exercício ético de escuta e de presença afetiva. Para a autora, ler para um bebê ou criança pequena exige do adulto muito mais do que a simples divulgação de palavras:

exige abertura para o diálogo não verbal que surge no olhar, na reação, no balbucio ou no silêncio do bebê. Assim, “esse ouvir transformado supõe intencionalidade, consciência, atividade, não apenas um registro passivo e por vezes distraído dos sons dos outros” (Bajour, 2012, p. 19).

Esse tipo de escuta ativa, ao considerar as múltiplas formas de expressão da criança, cria um espaço de encontro sensível entre leitor e ouvinte, no qual se constroem vínculos e experiências significativas com a linguagem. Assim, o ato de ler supera a função de transmitir uma história e passa a ser um gesto de acolhimento e reconhecimento do outro, respeitando seu tempo, suas respostas e sua forma singular de estar no mundo. A mediação leitora, nesse sentido, torna-se uma interação entre adultos e crianças que se comunicam, mesmo sem palavras, construindo vínculos afetivos, que são essenciais para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da subjetividade na primeira infância.

A fantasia, segundo Rodari (1982), é também uma forma de linguagem humana estruturada e compartilhada. Dessa forma, “quando uma criança inventa uma história, acontece o mesmo. Trata-se de uma operação criativa que também tem um aspecto expressivo; aqui, no entanto, ela nos interessa do ponto de vista da criatividade e não da arte. [...]” (Rodari, 1982, p. 17).

Quando a mediação da leitura acolhe a fantasia infantil, ela convida a criança a participar ativamente da narrativa, oferecendo espaço para suas interpretações e invenções. Essa dimensão imaginativa fortalece o vínculo entre leitor e ouvinte, tornando a leitura uma experiência de coautoria. Rodari (1992) reconhece esse potencial criativo da infância, e a leitura compartilhada torna-se um território fértil para o exercício da imaginação e da liberdade de expressão.

Essa escuta sensível, que considera a criança como uma comunicadora ativa desde o início da vida, é profundamente dialógica e encontra reflexão direta nas ideias de Paulo Freire (1996). Como afirma o autor, “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1996, p. 79). A leitura mediada é uma prática participativa da construção, em que adulto e criança vão produzindo juntos sentidos e afetos a partir do texto.

[...] Entendemos por envoltura narrativa todos os feitos de linguagem que os acompanhantes adultos outorgam aos bebês, como manta protetora, dando-lhes tanto a ternura acariciadora da entonação amorosa quanto o significado dos feitos do mundo, nos quais a criança começa a ser inserida. [...] Lopez, 2016, p. 15)

A autora afirma que a linguagem utilizada pelos adultos na leitura para as crianças pequenas traz acolhimento emocional através da entonação com afeto, iniciando a criança no ambiente cultural e simbólico.

Diante disso, compreender a leitura na primeira infância como uma prática estética, relacional e dialógica significa reconhecer a criança como sujeito de linguagem, capaz de sentir, responder e imaginar desde muito cedo. A mediação

leitora, quando realizada com sensibilidade e escuta atenta, torna-se um espaço potente de formação humana, onde são construídos os vínculos e sentidos são compartilhados. Mais do que transmitir histórias, o adulto que lê para a criança participa de uma experiência de afeto e invenção conjunta, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, da subjetividade e do encantamento com o mundo. Assim, ao apostar na literatura como lugar de encontro, estamos também afirmando um projeto de educação que valoriza o diálogo, a imaginação e a dignidade das infâncias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise bibliográfica permitiu compreender que a mediação da leitura literária na primeira infância constitui uma prática que promove o desenvolvimento integral da criança. Embasando-se em autores como Vygotsky, Reyes, Bajour e Rodari, observou-se que a leitura mediada, mesmo antes da criança dominar a linguagem verbal, configura-se como um espaço de vínculo afetivo, escuta sensível e construção de sentido, favorecendo simultaneamente as dimensões cognitivas, linguísticas e socioafetivas.

Além disso, essa mediação contribui para a formação de vínculos seguros entre adultos e crianças. Conforme destaca Cecília Bajour (2012), ler para um bebê requer uma escuta ética, em que o adulto se dispõe a perceber o olhar, o balbúcio, o silêncio e outras manifestações do bebê. Essa interação afetiva fortalece a confiança e o sentimento de pertencimento, essenciais ao desenvolvimento emocional e social. Simultaneamente, a relação com personagens, emoções e conflitos por meio das histórias auxilia a criança a elaborar suas próprias experiências, construindo empatia e consciência de si e do outro.

Outro aspecto relevante está no enriquecimento do vocabulário e na ampliação do repertório simbólico, processos estimulados pelas leituras mediadas. Mesmo sem compreender literalmente as palavras, o bebê vivencia a musicalidade das narrativas, o que aprimora sua atenção e sensibilidade estética (Reyes, 2012; Bajour, 2012).

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) reconhece a leitura literária como experiência estruturante na educação infantil, enfatizando seu papel no desenvolvimento integral. Quando realizada com intencionalidade e sensibilidade, a mediação transforma-se em uma prática educativa potente, que reconhece o bebê como sujeito de linguagem, cultura e direitos. Baseado em Vygotsky (1994), entende-se que para ampliar as potencialidades da criança na zona proximal, o desenvolvimento deve ocorrer na interação social e é fundamental a mediação do adulto.

A literatura infantil, especialmente quando compartilhada com afeto e intenção, configura um espaço de imaginação, fantasia e expressão simbólica. Rodari (1982) ressalta que a fantasia representa uma forma essencial de pensamento criativo para o desenvolvimento humano. Ao escutar histórias, imaginar personagens e inventar

enredos, as crianças mobilizam habilidades cognitivas como atenção, memória, antecipação e resolução de problemas.

Neste cenário, a leitura aproxima-se da brincadeira simbólica, descrita por Vygotsky (1994) como uma atividade que permite à criança agir além do seu nível de desenvolvimento real, situando-se na zona de desenvolvimento proximal. Assim como o faz-de-conta, a leitura literária possibilita transitar entre o real e o imaginário, experimentando emoções, papéis e narrativas que contribuem para a construção da identidade.

Por fim, a presença atenta do adulto, aliada à qualidade do texto, favorece a construção de sentidos subjetivos, o desenvolvimento da oralidade e a valorização da diversidade de vozes. Paulo Freire (1996) enfatiza que a prática educativa deve ser dialógica, amorosa e baseada na escuta dos saberes do educando. Ao reconhecer o bebê como sujeito de linguagem e cultura, a leitura mediada assume um papel transformador no processo educativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa destacou que a leitura literária mediada na primeira infância não é apenas uma prática educativa, mas um gesto crucial de cuidado, vínculo e espaços de escuta sensível. Fundamentada em autores como Vygotsky, Reyes, Bajour e Rodari, a discussão mostrou que o ato de ler para bebês e crianças pequenas contribui significativamente para o desenvolvimento integral, abrangendo as dimensões linguística, cognitiva, afetiva e social.

Ao considerar o bebê como sujeito de linguagem desde os primeiros meses de vida, a mediação leitora revela-se uma prática que desperta os espaços de escuta, imaginação e partilha simbólica. Por meio da voz, do olhar e do afeto, adultos e crianças constroem, juntos, uma “casa imaginária” (Reyes, 2010) onde a literatura amplia repertórios, alimenta a fantasia e fortalece vínculos.

A pesquisa também reforça a importância de inserir a leitura literária de forma intencional e sensível tanto no ambiente familiar quanto nas instituições de educação infantil, em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). É fundamental reconhecer o valor da escuta ativa e da presença afetiva do mediador, pois é na qualidade dessa interação que se potencializa o desenvolvimento da linguagem, da imaginação criativa e da subjetividade.

Assim, conclui-se que promover a leitura literária desde a primeira infância é investir na formação de sujeitos curiosos, críticos e sensíveis, capazes de ressignificar o mundo à sua volta. Para tanto, faz-se necessário fortalecer políticas públicas, práticas pedagógicas e ações familiares que assegurem o direito de todas as crianças a vivenciar a literatura como experiência estética, dialógica e transformadora.

REFERÊNCIAS

- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LÓPEZ, María E. **Bebês como leitores e autores**. 1º Ed. Brasília: MEC/SEB, 2016.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2014.
- REYES, Yolanda. **A casa imaginária: Leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.
- REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação**. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia: introdução à arte de inventar histórias**. 9. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- SANTANA, Gláucia Pereira Almeida. **A literatura infantil nas práticas pedagógicas: o que leem os bebês?** Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2014.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. L.S. Vygotsky. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VYGOTSKY, Lev S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.